

Trimestral 4T/2016

Têxtil e Vestuário no Contexto Nacional
e Internacional



cenit.

Ficha técnica

TÍTULO

Têxtil e Vestuário no Contexto Nacional e Internacional

Publicação Trimestral – Outubro a Dezembro/2016

PROPRIEDADE

CENIT – Centro de Inteligência Têxtil

COORDENAÇÃO GERAL

Manuel Teixeira

DATA DE EDIÇÃO

Abril de 2017

Índice

05	1. Introdução
07	2. Conjuntura económica global
07	2.1. Atividade económica
11	2.2. Preços e taxas de câmbio
13	2.3. Taxas de juro e mercados financeiros
16	2.4. Mercado de trabalho e custos do trabalho
17	2.5. Perspetivas para o futuro próximo
19	3. Comércio internacional de têxteis e vestuário
23	4. Têxtil e vestuário em Portugal
23	4.1. Evolução da atividade económica
24	4.2. Relevância do comércio internacional
28	4.3. Estrutura do comércio internacional

1. Introdução

O presente documento tem como intuito apresentar, de forma condensada e pragmática, informação relevante sobre a indústria têxtil e de vestuário (ITV) em termos de dinâmica trimestral, almejando contribuir para a definição e afinação adequada de estratégias de crescimento e de internacionalização das empresas portuguesas.

Para tal, coligiu-se e sistematizou-se um conjunto de dados estatísticos oficiais sobre a ITV no contexto nacional e no contexto internacional, sem deixar de conferir um enquadramento mais amplo, relativo à economia em geral.

Para além deste ponto introdutório, enquadrado no âmbito do Capítulo 1, o corrente documento estrutura-se em torno de três capítulos adicionais.

O Capítulo 2 é dedicado à apresentação, sintética, da evolução da conjuntura económica portuguesa, procedendo-se, sempre que oportuno, à sua comparação com a realidade internacional.

Por sua vez, o Capítulo 3 é dedicado ao contexto internacional, centrando-se, para o efeito, em dados do comércio mundial, num primeiro passo relativo à globalidade das mercadorias e, de seguida, relativo aos produtos da ITV.

Por fim, o Capítulo 4 centra-se na ITV portuguesa e, mais concretamente, nos seus fluxos de comércio mundial, apresentando-se aqui um maior nível de detalhe da informação, relativamente aos dois capítulos anteriores,

quer do ponto de vista dos produtos que perfazem a ITV e do seu alinhamento com a especialização produtiva portuguesa, quer do ponto de vista dos indicadores analisados. Este último capítulo pretende, no fundo, constituir-se como uma base fiável e útil para a identificação de oportunidades para a internacionalização das empresas portuguesas da ITV.

Atendendo à periodicidade trimestral desta publicação, a apresentação da informação segundo este horizonte temporal de análise encontra-se patente, sendo que, para assegurar a maior uniformidade possível na leitura dos dados e indicadores apresentados, procurou-se dar um claro enfoque ao 4.º trimestre de 2016.

De acordo com a natureza dos dados e indicadores selecionados, a análise é apresentada em termos homólogos e em cadeia.

As fontes de informação foram selecionadas com base na conjugação de dois critérios: grau de disponibilização de informação enquadrável com o horizonte temporal visado no estudo e credibilidade da informação fornecida. Neste sentido, destaca-se o recurso a dados e indicadores provenientes das seguintes fontes: Banco de Portugal (BdP), Banco Central Europeu (BCE), Comissão Europeia (CE), Energy Information Administration (EIA), European Money Markets Institute (EMMI), Eurostat, Instituto Nacional de Estatística (INE), International Trade Centre (ITC) e Office of Textiles and Apparel (OTEXA).

Painel de bordo (4.º trimestre de 2016)

Variações homólogas

Produto Interno Bruto	Indicador de sentimento económico	Indicador de atividade económica
↑ 2,0 %	↑ 2,6 %	↑ 0,9 %
Produção industrial	Volume de negócios da indústria	Índice de preços no consumidor
↓ 0,1 %	↑ 2,8 %	↑ 0,8 %
Índice de preços no produtor	Preço do Brent (USD/barril)	EUR/USD (média trimestre)
↑ 0,1 %	↑ 12,9 %	↓ 1,5 %
EURIBOR a 3 meses	Yield das OT a 10 anos	Taxa juro em novas operações de crédito (< 1M€)
↓ 0,22 p.p.	↑ 1,04 p.p.	↓ 0,47 p.p.
Taxa de desemprego	Custo do trabalho	Apreciação sobre a situação atual da economia
↓ 1,7 p.p.	= 0,0 %	↑ 7,9 p.p.
Vendas nos próximos 3 meses	Exportações nos próximos 3 meses	Perspetivas sobre a evolução da economia
↑ 5,7 p.p.	↑ 2,6 p.p.	↑ 6,6 p.p.
Exportações mundiais de mercadorias (dados provisórios)	Exportações mundiais têxteis e vestuário (dados provisórios)	Exportações portuguesas de mercadorias
↑ 3,0 %	↓ 6,8 %	↑ 4,9 %
Importações portuguesas de mercadorias	Exportações portuguesas de têxteis e vestuário	Importações portuguesas de têxteis e vestuário
↑ 6,4 %	↑ 2,0 %	↑ 2,2 %

2. Conjuntura económica global

2.1. Atividade económica

A economia portuguesa recuperou, na segunda metade de 2016, a trajetória de aceleração, segundo os dados do Eurostat, a partir do 3.º trimestre de 2016 e atingindo um crescimento do PIB de 2,0% no 4.º trimestre de 2016. No entanto, apesar do crescimento do PIB mais acentuado, tal não é suficiente para, no conjunto do ano, colmatar o diferencial negativo de crescimento face à região do euro ou à UE (União Europeia).

A produção mundial exibiu, em agosto último, um crescimento homólogo de 1,9%.

O crescimento da produção industrial continuou a ser maior nas economias emergentes.

O comércio mundial cresceu cerca de 2,1% em termos homólogos no mês de agosto.

Face ao mês anterior, as exportações de agosto aceleraram, em termos homólogos, em ambos os blocos de economias.

Face ao mês anterior, as importações aceleraram, em termos homólogos, em ambos os blocos de economias.

		4T/2014	1T/2015	2T/2015	3T/2015	4T/2015	1T/2016	2T/2016	3T/2016	4T/2016
Consumo privado	Portugal	2,1	2,8	3,4	2,1	1,9	2,5	1,6	1,9	3,1
	Zona Euro	1,1	1,7	1,8	1,9	1,7	2,0	1,9	1,8	1,8
Consumo público	Portugal	-1,1	-0,2	1,1	1,1	1,3	1,4	0,8	0,5	0,5
	Zona Euro	0,7	1,1	1,3	1,3	1,7	2,0	2,0	1,6	1,6
Investimento	Portugal	3,7	0,1	9,6	3,0	5,8	-2,1	-2,1	-1,8	2,6
	Zona Euro	2,3	1,5	0,5	2,3	4,7	2,4	3,6	2,1	0,8
Exportações	Portugal	6,0	7,7	7,6	5,6	3,7	3,7	1,9	5,6	6,4
	Zona Euro	5,3	7,2	7,3	5,8	5,0	2,5	2,5	2,6	3,3
Importações	Portugal	8,7	7,6	13,0	6,4	6,0	4,8	1,5	3,9	7,3
	Zona Euro	5,5	6,9	6,4	6,0	6,1	3,4	4,0	2,8	3,2

Fonte: Eurostat

Sistematiza-se, de seguida, um conjunto de dados sobre a atividade económica nacional, destacando-se, sempre que possível, o 4.º trimestre de 2016.

No 4.º trimestre de 2016, o Produto Interno Bruto (PIB) português apresentou um crescimento de 2,0% face ao mesmo período de 2015, num ritmo superior ao verificado no 3.º trimestre (variação de 1,7%).

Conforme divulgado pelo INE, a aceleração do PIB resultou do maior contributo da procura interna, que passou de 1,1 pontos percentuais (p.p.) no 3º trimestre para 2,5 p.p., observando-se uma recuperação do investimento e um crescimento mais intenso do consumo privado. O contributo da procura externa líquida foi negativo (-0,6 p.p.), após

ter sido positivo no trimestre anterior (0,6 p.p.), com as importações de bens e serviços a apresentarem uma aceleração mais acentuada que as exportações.

Relativamente ao conjunto do ano 2016, conforme divulgado pelo INE, o PIB atingiu cerca de 185 mil milhões de euros em termos nominais, tendo registado um aumento de 1,4% em volume, menos 0,2 p.p. que o verificado no ano anterior. O contributo da procura interna para a variação do PIB diminuiu, situando-se em 1,5 p.p. em 2016 (2,6 p.p. em 2015), refletindo, principalmente, a redução do investimento e, em menor grau, o ligeiro abrandamento do consumo privado.

A procura externa líquida passou de um contributo de -1,0 p.p. em 2015 para -0,1 p.p., em resultado da

desaceleração das importações de bens e serviços, mais acentuada que a das exportações de bens e serviços. Em termos nominais, o saldo externo de bens e serviços aumentou para 1,2% do PIB (0,7% em 2015), beneficiando dos ganhos de termos de troca registados em 2016, ainda que inferiores aos de 2015.

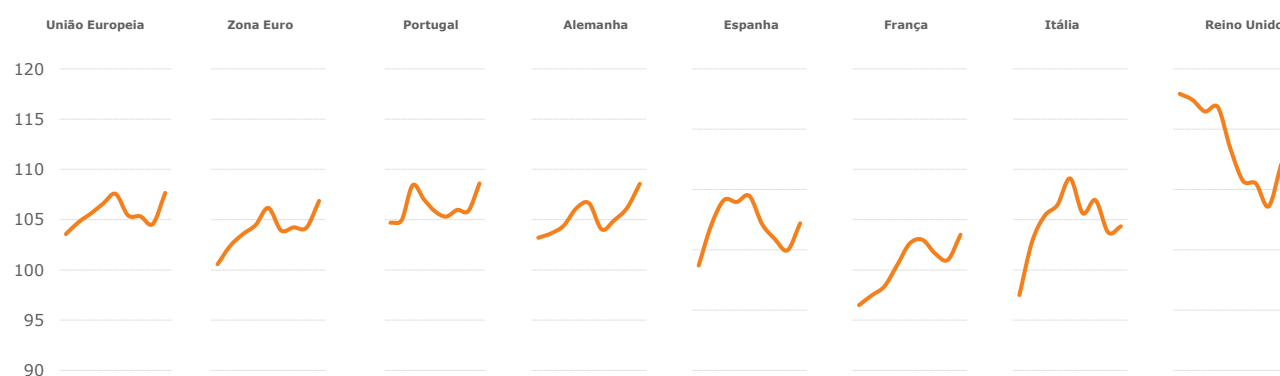
O indicador de sentimento económico da Comissão Europeia para Portugal subiu no 4.º trimestre de 2016, contrariando a redução marginal verificada no 3.º trimestre de 2016.

Países como Alemanha, Espanha, França e Itália registaram uma evolução semelhante, com aumentos consecutivos desde o 4.º trimestre de 2014, seguidos de uma interrupção nos primeiros trimestres de 2016. Importa salientar que, apesar dessa quebra, a Alemanha

recuperou imediatamente após o 1.º trimestre de 2016, não tendo invertido essa tendência entretanto. Pelo contrário, a Espanha e a França têm visto o seu indicador de sentimento económico degradar-se em 2016, assim como a Itália (apesar da recuperação no 2.º trimestre de 2016, no trimestre seguinte o indicador exibiu uma quebra ainda maior do que no anterior).

Por fim, o Reino Unido registou um andamento completamente distinto dos países mencionados anteriormente. Pese embora a evolução positiva conseguida no 4.º trimestre de 2016, o indicador de sentimento económico tem vindo a diminuir desde o 3.º trimestre de 2014, apresentando uma pequena melhoria somente no 3.º trimestre de 2015, retomando a tendência de queda logo no trimestre seguinte.

Evolução do indicador de sentimento económico: Portugal, Zona Euro, UE e principais economias europeias

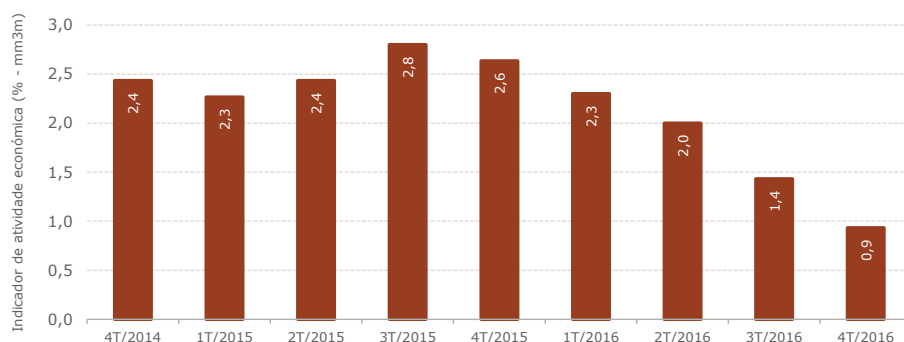


Fonte: Comissão Europeia

O indicador de atividade económica, que se encontrava relativamente estável desde o 4.º trimestre de 2014 e apresentou uma evolução positiva de 0,4 p.p. no 3.º trimestre de 2015 face ao trimestre anterior (cifrando-se, assim,

nos 2,8%), iniciou deste então uma trajetória descendente, tendo terminado o 4.º trimestre de 2016 nos 0,9%, o que corresponde a uma contração de 1,7 p.p. face a igual período de 2015.

Evolução do indicador de atividade económica



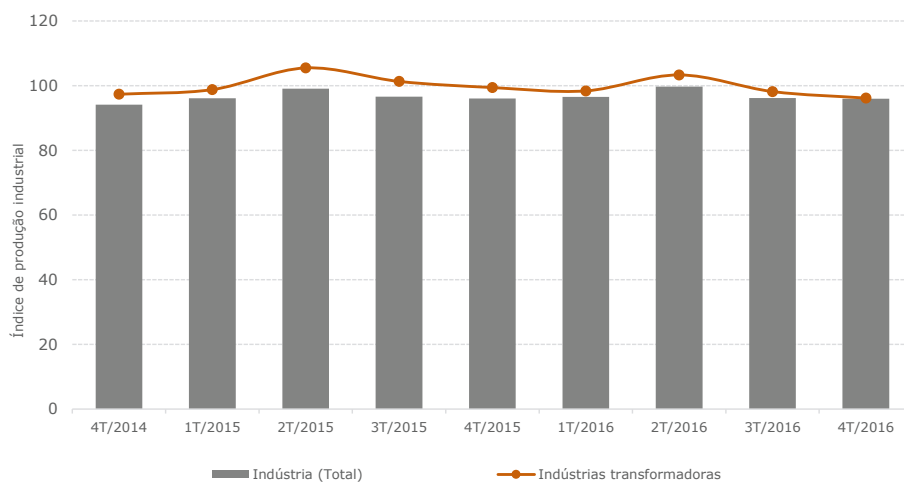
Fonte: INE

Após dois trimestres em subida, o índice de produção industrial caiu no 3.º e no 4.º trimestres de 2016, registando uma quebra homóloga de 0,1%.

Por seu lado, o índice da indústria transformadora apenas registou uma evolução em cadeia positiva

no 2.º trimestre de 2016, tendo na segunda metade do ano 2015 evidenciado também uma evolução negativa. Em termos homólogos, no 4.º trimestre de 2016, o índice de produção industrial na indústria transformadora evidenciou uma quebra de 3,3%.

Evolução do índice de produção industrial



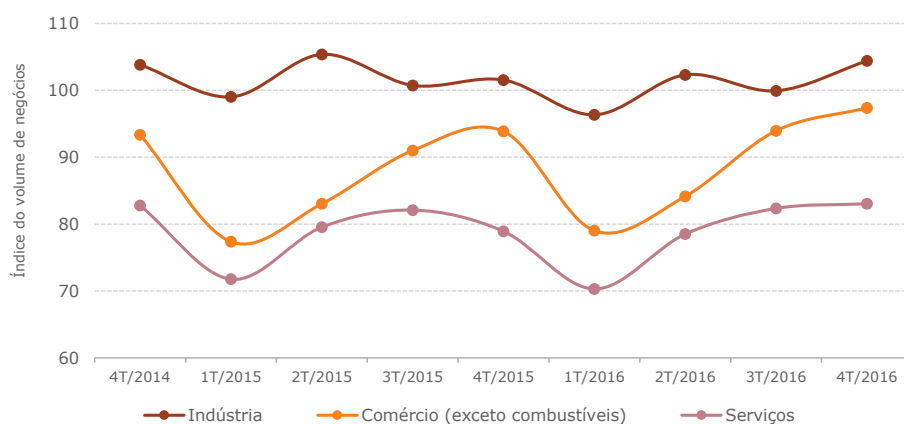
Fonte: INE

No tocante ao índice de volume de negócios, este indicador revela uma tendência de evolução idêntica ao longo do período compreendido entre o 4.º trimestre de 2014 e o 2.º trimestre de 2015 entre os três grandes setores de atividade considerados (indústria, comércio e serviços), não obstante os valores superiores registados, sistematicamente, pela indústria.

Após este período, o cenário alterou-se, primeiro,

com a queda do índice por parte da indústria e, depois, dos serviços e do comércio. A partir do 1.º trimestre de 2016, registou-se uma nova recuperação no índice de volume de negócios, nomeadamente nos serviços e no comércio. No 3.º trimestre de 2016, o índice da indústria retraiu-se de novo, mas agora mais ligeiramente, com o 4.º trimestre de 2016 a evidenciar uma evolução positiva nos três setores, mas de forma mais acentuada na indústria e no comércio.

Evolução do índice do volume de negócios total por grandes setores de atividade



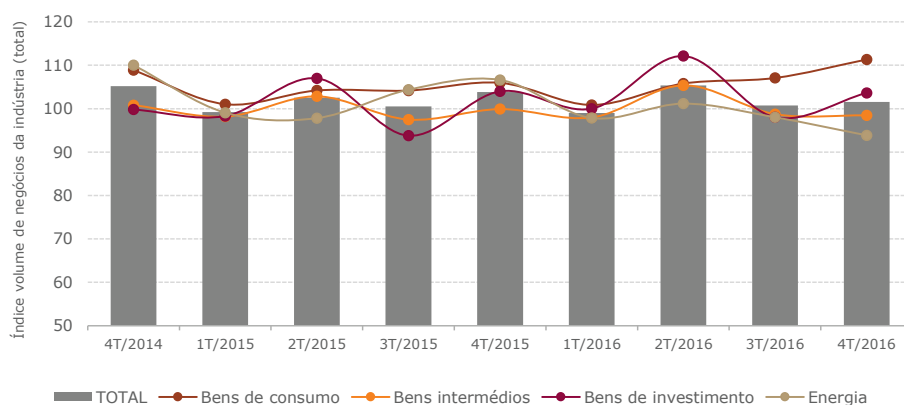
Fonte: INE

O índice de volume de negócios da indústria registou no 4.º trimestre de 2016 uma quebra homóloga de 2,2%, maioritariamente impulsionada pela energia (que registou uma variação negativa de 12,0% face ao período homólogo). Por sua vez, os bens de consumo apresentaram um índice superior ao total da indústria ao longo de todo o período em análise, tendo a sua tendência de crescimento acompanhado a dos restantes tipos de bens em questão até ao 1.º trimestre de 2016. De facto, a partir deste trimestre, o índice de volume de negócios dos bens de consumo continuou a crescer, ao contrário dos bens intermédios,

de investimento ou energia. Por outro lado, a energia, que nos últimos dois trimestres de 2014 tinha registado índices de volume de negócios superiores aos do total da indústria, passou por uma fase de degradação dos mesmos, tendo evidenciado uma recuperação na 2.ª metade de 2015 e no 2.º trimestre de 2016.

No 4.º trimestre de 2016, os bens de investimento registaram uma subida no seu índice de volume de negócios de cerca de 5,7% face ao trimestre anterior, enquanto os bens de consumo cresceram 4,0%.

Evolução do índice do volume de negócios total da indústria, por agrupamentos industriais



Fonte: INE

2.2. Preços e taxas de câmbio

Em termos homólogos, a taxa de inflação, medida quer pelo Índice de Preços no Consumidor (IPC) quer pelo Índice Harmonizado de Preços no Consumidor (IHPC), passou de 0,7% para 0,8% entre o 3.º e o 4.º trimestres de 2016.

Conforme a análise o INE, em dezembro de 2016, a variação homóloga do IPC situou-se em 0,9%, taxa superior à registada no mês anterior (0,6%). Esta aceleração foi determinada sobretudo pelo comportamento dos preços do subgrupo dos combustíveis e lubrificantes para equipamento para transporte pessoal, que passaram de uma variação de 4,2% em novembro para 10,7% em dezembro.

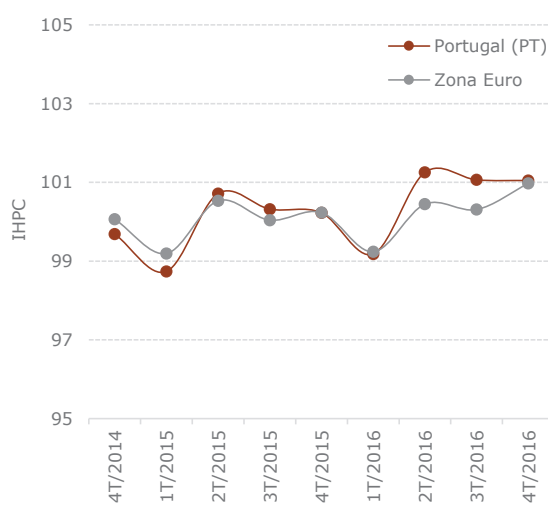
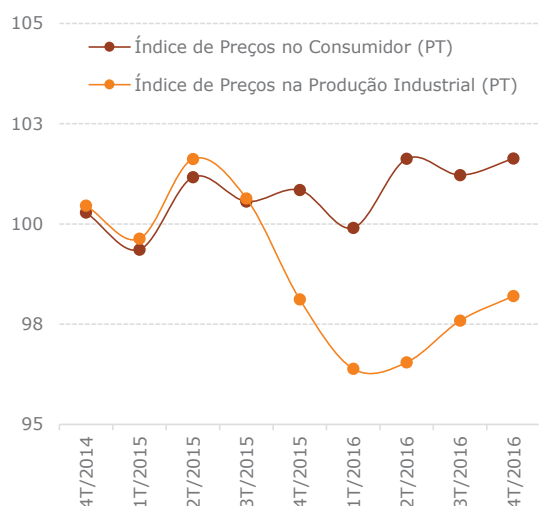
Por seu lado, o Índice de Preços na Produção Industrial (IPPI) manteve a evolução positiva registada desde o 2.º trimestre de 2016, registando no 4.º trimestre de 2016 uma subida homóloga de 0,1% que ocorre após a quebra

homóloga de 3,0% verificada no trimestre anterior. O índice do agrupamento de energia, com uma taxa de variação homóloga de 9,3% (1,6% em novembro), foi decisivo para o comportamento do IPPI, tendo contribuído com 1,8 p.p. para a variação homóloga do índice total.

De referir que, a partir do 3.º trimestre de 2015, a diferença entre o IPC e o IPPI ampliou-se, com este último a fixar-se sistematicamente bastante abaixo do primeiro, situação especialmente visível no 2.º trimestre de 2016. A partir do 3.º trimestre de 2016, esta diferença começou a esbater-se ligeiramente.

Tomando como referência o IHPC, o diferencial de inflação de Portugal em relação à zona euro tem vindo a reduzir, tendo passado de 0,81 pontos no 2.º trimestre para 0,75 pontos no 3.º trimestre e 0,07 pontos no 4.º trimestre de 2016.

Evolução do índice de preços no consumidor e na produção industrial para Portugal e índice harmonizado de preços no consumidor para Portugal e para a Zona Euro

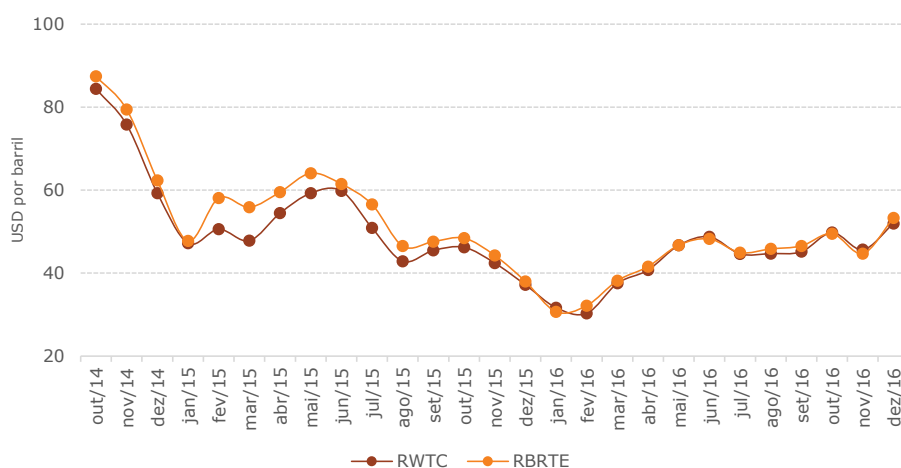


Fonte: INE e Eurostat

Ao longo do período considerado nesta análise (outubro de 2014 a dezembro de 2016), o preço do Brent alcançou um máximo de 87,4 dólares por barril em outubro de 2014, momento a partir do qual se observou a sua queda contínua até janeiro de 2015. Durante o ano de 2015, o preço do Brent oscilou entre os 64,1 dólares, registados em maio, e os 38,0 dólares observados em dezembro, fechando

os doze meses com um preço médio de 52,4 dólares. Após uma quebra em janeiro de 2016, o preço do Brent subiu até junho, situando-se nos 48,3 dólares, recuando no mês seguinte e subindo para 46,6 dólares em setembro. Após subir novamente em outubro e diminuir em novembro, o preço do Brent encerrou o ano 2016 em alta, nos 53,3 dólares por barril, o valor mais elevado no conjunto do ano.

Evolução do preço do Brent



Fonte: EIA

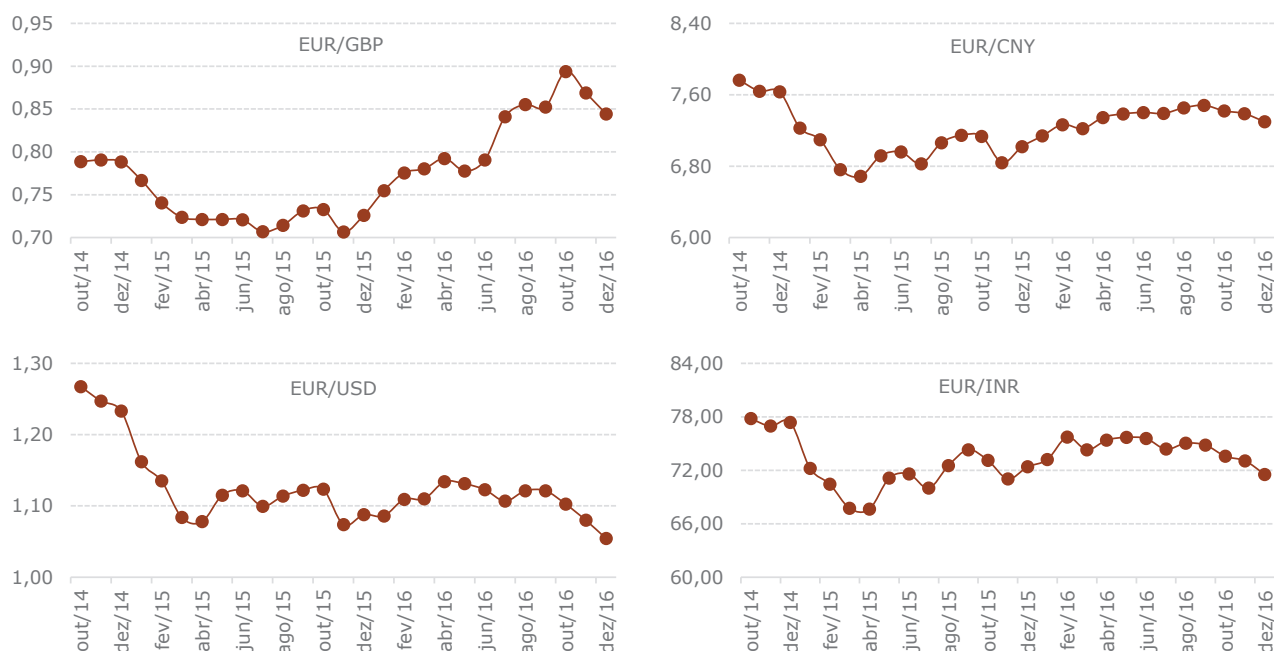
No tocante a taxas de câmbio, no 4.º trimestre de 2016, verificou-se um movimento de depreciação do euro face às moedas dos principais parceiros comerciais portugueses em produtos têxteis e de vestuário.

Relativamente ao dólar, foi verificada no 4.º trimestre de 2016 uma quebra homóloga de 1,5% na cotação média, uma variação que contrasta com a subida homóloga de 0,4% registada no trimestre anterior.

Com a libra, verificou-se uma acentuada apreciação, passando-se de uma variação homóloga de 18,4% para uma variação de 20,4% no 4.º trimestre de 2016, na sequência do Brexit.

Relativamente ao yuan, o euro apreciou 5,3% na comparação homóloga no 4.º trimestre de 2016. Com uma apreciação homóloga menor esteve o euro em relação à rupia.

Evolução da taxa de câmbio do euro com as principais moedas com quem Portugal tem relações comerciais no têxtil e vestuário



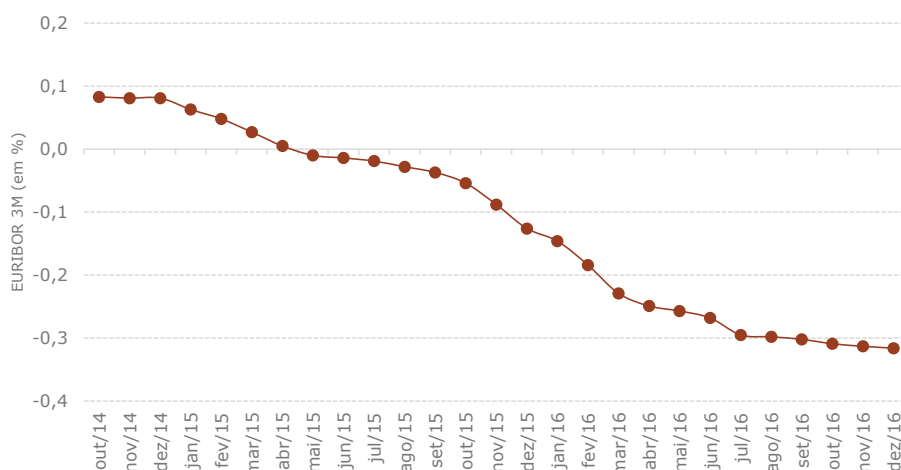
Fonte: Banco de Portugal

2.3. Taxas de juro e mercados financeiros

A Euribor a 3 meses, com valores negativos desde maio de 2015, não tem sofrido alterações substantivas, mantendo a tendência de queda ligeira.

Com níveis atualmente negativos, a prazo, o cenário mais provável que se coloca é o cenário de subida dos spreads, na tentativa de travar a descida da Euribor.

Evolução da taxa Euribor a 3 meses



Fonte: EMMI

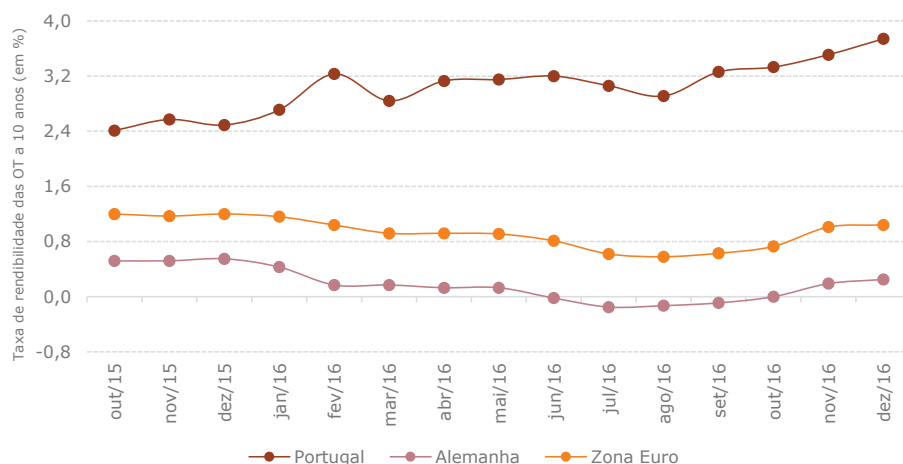
Em dezembro de 2016, as yields das Obrigações do Tesouro (OT) português a 10 anos registaram um aumento acima de 50% face ao período homólogo, passando de 2,49% para 3,74%, o valor mais elevado que se registou no período analisado. Efetivamente, as yields apresentaram os três valores mais elevados, no período em análise, todos no 4.º trimestre de 2016, mantendo intacta a aceleração iniciada no último mês do trimestre anterior.

Por sua vez, as yields das OT alemãs registaram também uma aceleração nos últimos meses de 2016, afastando-se assim dos valores próximos de zero verificados entre junho e julho de 2016, após um período de estabilização nos quatro meses precedentes. Contudo, as taxas superiores

a 0,2% voltaram a surgir nos meses seguintes. Este agravamento nas taxas de rentabilidade das obrigações soberanas com maturidade de 10 anos deve-se sobretudo às alterações das expectativas sobre a inflação.

Relativamente à zona euro, apesar de as yields terem apresentado um andamento semelhante ao de Portugal no último semestre de 2016, verificou-se, no entanto, que no mês de dezembro de 2016 as taxas na comparação homóloga encontram-se abaixo das verificadas em igual período do ano anterior, registando-se uma quebra de 13,3%. Dentro do período em análise, as yields da zona euro registaram o pico máximo em junho de 2015 (1,63%) e o mínimo em agosto de 2016 (0,58%).

Evolução da yield das OT a 10 anos



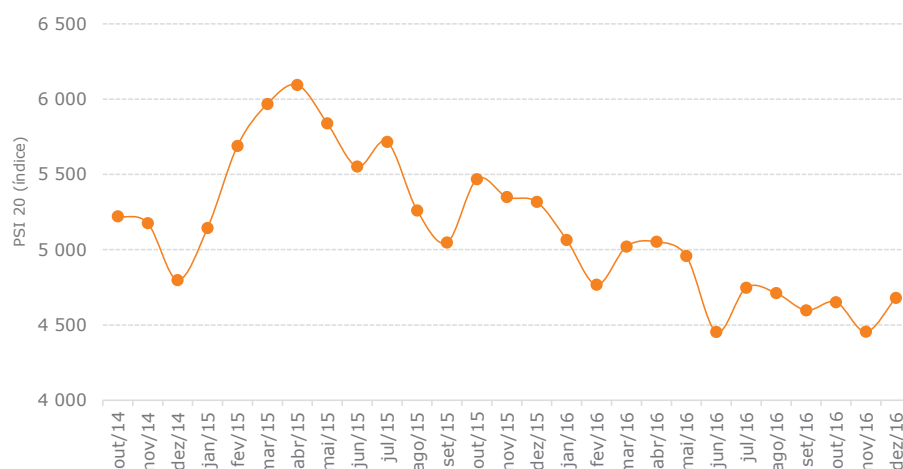
Fonte: Eurostat

Depois de uma quebra pronunciada em junho de 2016 (-10,2%), apenas parcialmente compensada pela subida verificada em julho (+6,6%), o PSI20 registou uma desvalorização de 2,4% em setembro, seguida por uma recuperação de 1,2% em outubro e quebra de 4,2% em novembro. O índice encerrou o ano de 2016 com uma subida em cadeia de 5,0% em dezembro, mas

acumulando uma quebra de 7,6% desde o início do ano e uma quebra de 12,0% em termos homólogos.

Ao longo do conjunto de 2016 (dados relativos ao fim do período), o índice evidenciou o valor mais elevado em janeiro (5.065,67 pontos) e o mais baixo em junho (4.453,66 pontos).

Evolução do mercado de capitais nacional (PSI20)

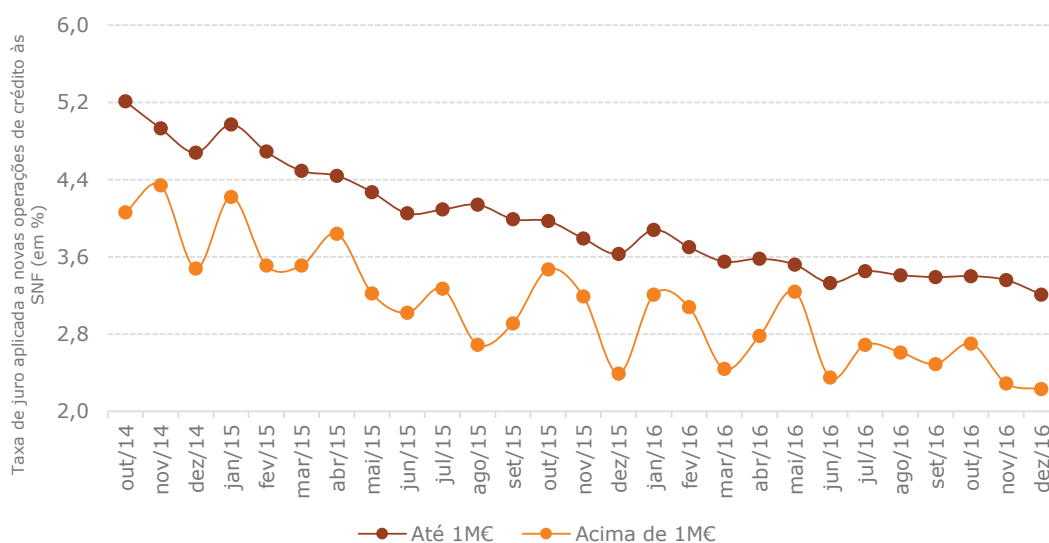


Fonte: Eurostat

Em dezembro de 2016 a taxa de juro média dos novos empréstimos concedidos a Sociedades Não Financeiras (SNF) até 1 milhão de euros foi de 3,21%, o que corresponde a uma diminuição de 0,4 p.p. face ao período homólogo e de 0,2 p.p. em relação ao mês anterior.

Quanto aos empréstimos superiores a 1 milhão de euros, a sua tendência não foi tão linear, tendo registado vários picos e cavas ao longo do período em análise. Ainda assim, com referência a dezembro de 2016, as taxas de juro destes empréstimos registaram uma diminuição homóloga de 0,2 p.p. e uma diminuição em cadeia de 0,1 p.p..

Evolução das taxas de juro aplicadas a novas operações de crédito às SNF



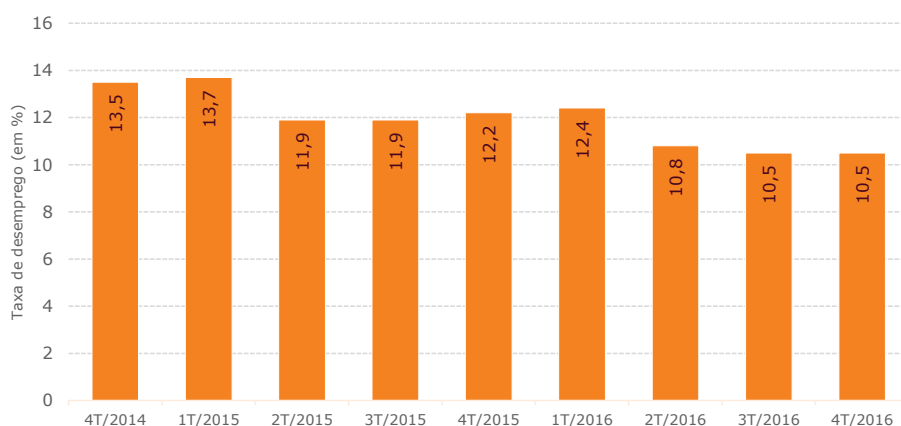
Fonte: Banco de Portugal

2.4. Mercado de trabalho e custos do trabalho

A taxa de desemprego em Portugal situou-se em 10,5% no 4.º trimestre de 2016, mantendo, assim, a tendência de descida verificada desde o 2.º trimestre de 2016. O resultado obtido revela também uma melhoria face ao período homólogo de 2015. Esta evolução reflete uma variação nula em cadeia, mas uma acentuada redução de 13,9% quando considerada a variação homóloga.

Conforme referido na análise do INE, a população desempregada, estimada em 543,2 mil pessoas, diminuiu 1,2% em relação ao trimestre anterior (6,3 mil). Este decréscimo contraria os acréscimos observados no 4.º trimestre dos últimos dois anos. De referir ainda que a taxa de desemprego dos homens (10,4%) foi inferior à das mulheres (10,6%) em 0,2 p.p..

Evolução da taxa de desemprego em Portugal



Fonte: INE

O Índice do Custo do Trabalho (ICT) em Portugal, no 4.º trimestre de 2016, registou uma variação homóloga nula. De referir que, na evolução em cadeia, o índice permaneceu também inalterado.

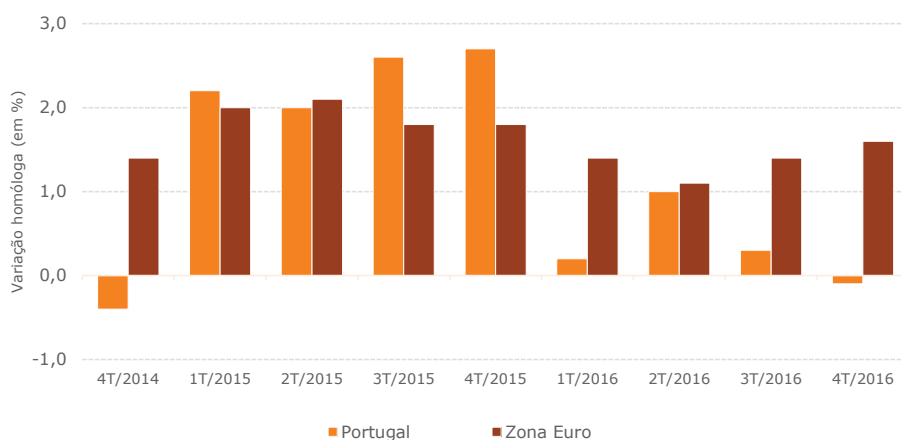
Esta manutenção vem contrariar a tendência registada em período homólogo de 2015, no qual verificou-se um incremento de 2,6% no índice do custo do trabalho em Portugal, quando comparado com igual período de 2014. De referir que o índice de custo do trabalho

em Portugal revela, sistematicamente, valores inferiores aos da zona euro.

De acordo com o INE e considerando os valores ajustados de dias úteis, no 4.º trimestre de 2016, o ICT registou um acréscimo de 1,2%, que foi devido a aumentos de 1,2% nos custos salariais e nos outros custos do trabalho.

Por sua vez, a zona euro apresentou uma taxa de variação homóloga de +1,6%, enquanto a taxa de variação em cadeia foi de +0,6%.

Evolução do índice do custo do trabalho em Portugal e na zona euro



Fonte: Eurostat

2.5. Perspetivas para o futuro próximo

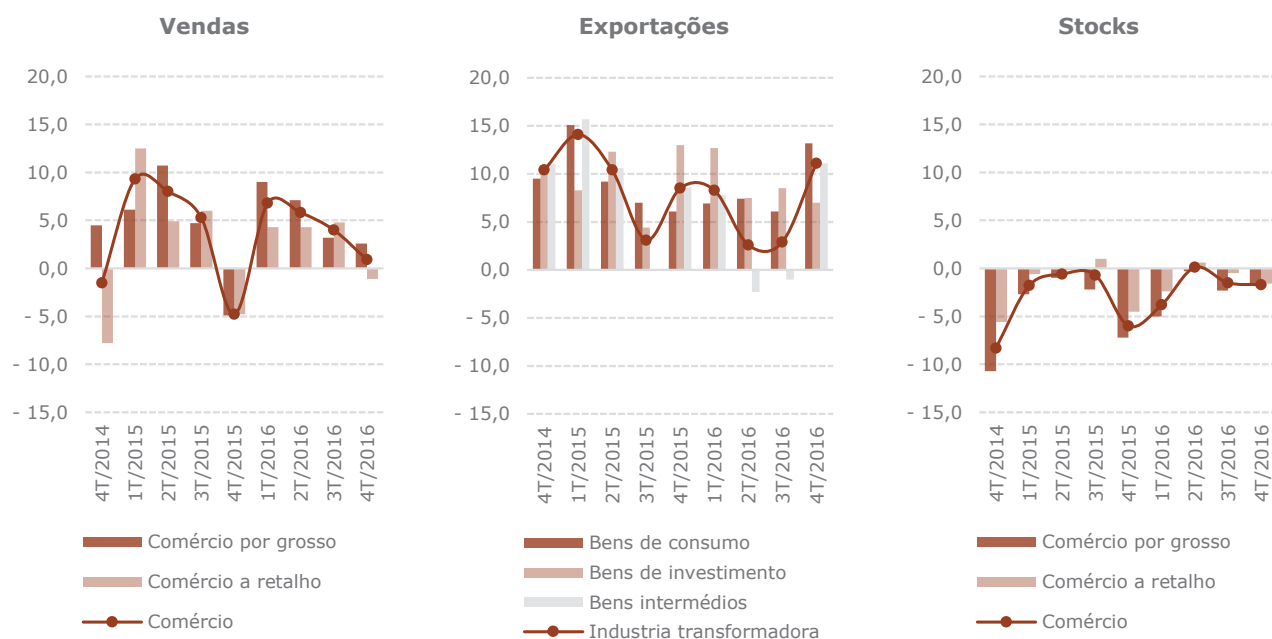
As perspetivas avançadas pelos empresários face ao futuro próximo têm sido moderadamente favoráveis nas últimas inquirições do INE. No que respeita ao volume de vendas, nos quatro trimestres de 2016, as perspetivas no comércio em geral revelaram-se positivas, embora cada vez com menor intensidade, chegando a entrar em terreno negativo no comércio a retalho.

No caso das exportações, a confiança do tecido empresarial recuperou o crescimento no 4.º trimestre de 2016, impulsionada pelos bens de consumo e os bens intermédios, os quais saíram de terreno negativo no último trimestre do ano.

Por seu turno, as empresas perspetivam uma redução do nível de existências, quer no comércio por grosso, quer no comércio a retalho.

No que concerne à evolução geral da economia, a apreciação das entidades empresariais tem melhorado significativamente nos últimos trimestres (permanecendo, no entanto, negativa), e as perspetivas sobre a situação económica geral inverteram no 4.º trimestre de 2016 a tendência de deterioração, antecipando, desta forma, um desempenho económico mais positivo no futuro.

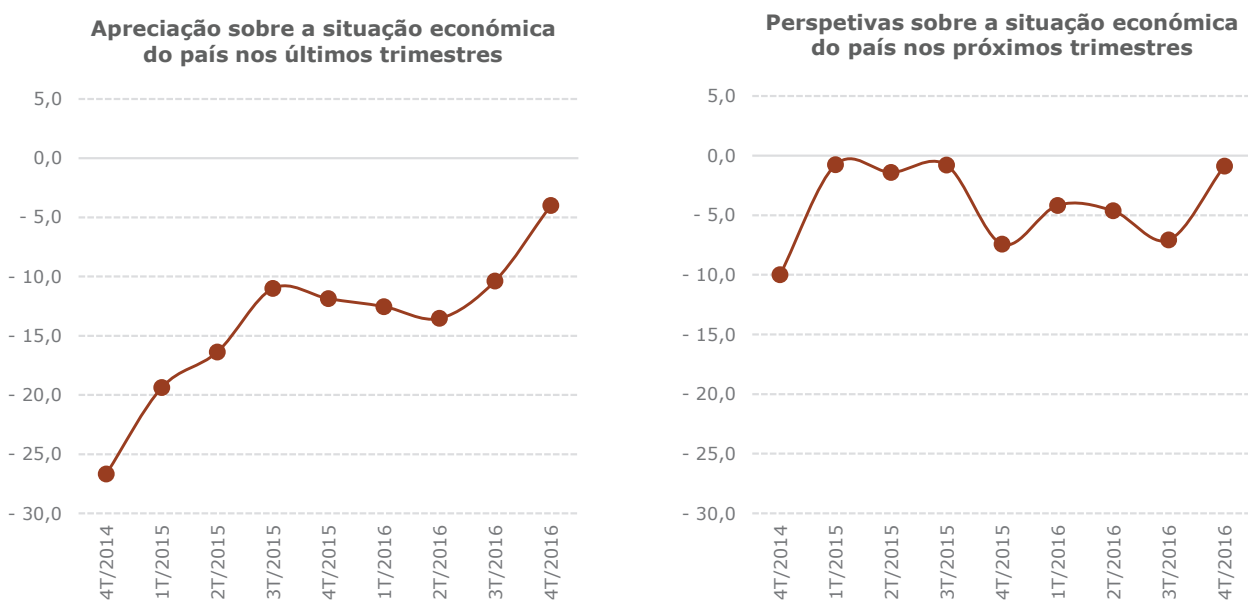
Perspetivas sobre o volume de vendas, exportações e stocks nos próximos trimestres



Nota: saldo de respostas extremas, em %.

Fonte: INE

Avaliação da situação económica atual e futura do país



Nota: saldo de respostas extremas, em %.

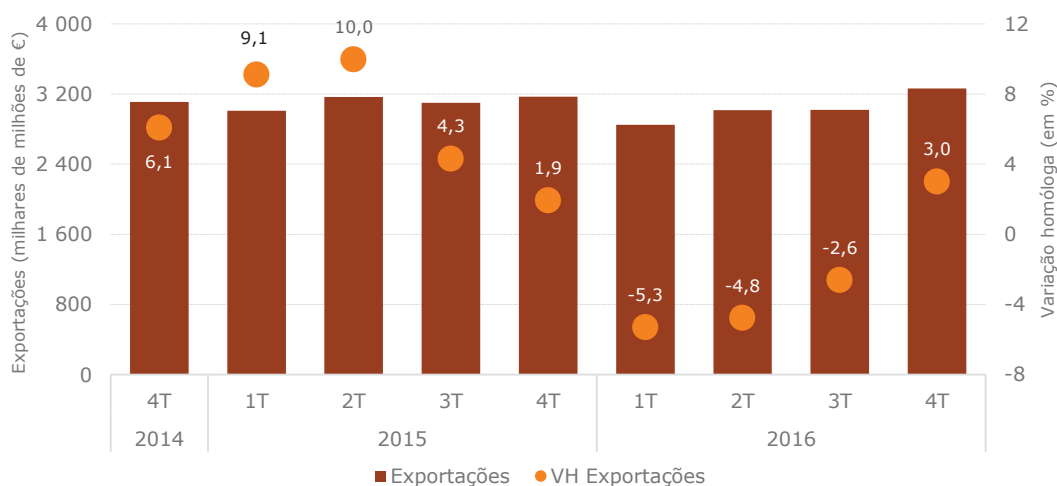
Fonte: INE

3. Comércio internacional de têxteis e vestuário

No 4.º trimestre de 2016, as exportações mundiais de mercadorias registaram uma variação positiva de 3,0% em relação ao período homólogo, contrariando assim uma tendência de contração das trocas internacionais, evidente nos três primeiros trimestres do ano (com base nos dados preliminares disponíveis no ITC).

Apesar deste desempenho, tudo indica que, no conjunto, o ano de 2016 terá terminado com uma quebra do comércio internacional (com base nos dados disponíveis, o decréscimo posiciona-se atualmente nos 2,4%), algo que não acontecia desde 2009, na sequência dos fortes efeitos da crise económica e financeira de 2007/2008, iniciada no mercado do sub-prime norte americano.

Evolução do comércio mundial de mercadorias



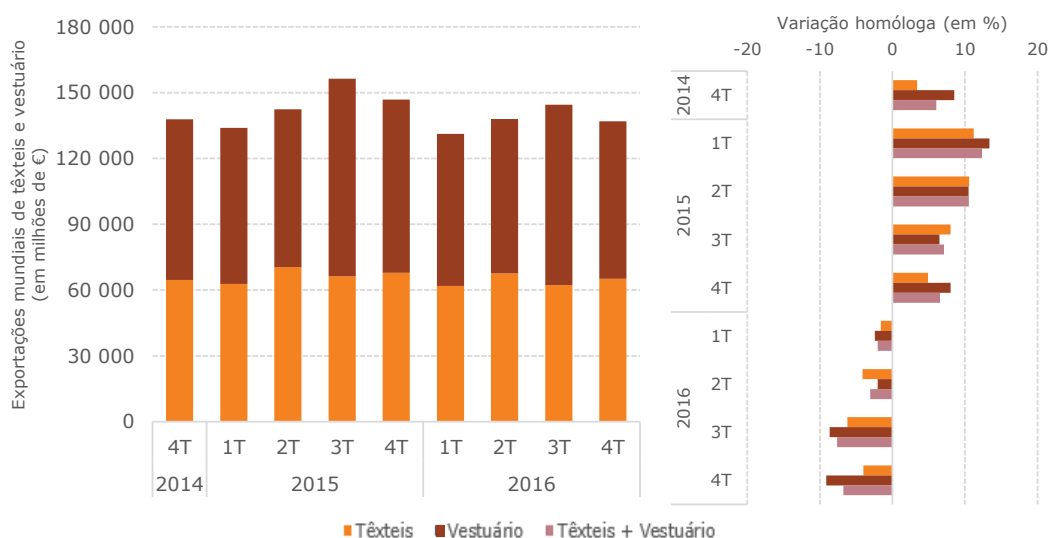
Nota: Considerados apenas os países com dados trimestrais nos últimos 3 anos: entre 2013 e 2016 (estes países representam mais de 90% das exportações mundiais).

Fonte: ITC

No respeitante a têxteis e vestuário, no conjunto do 4.º trimestre de 2016, as exportações destes produtos representaram 4,2% do total das exportações de mercadorias. Em termos homólogos e considerando os dados preliminares disponíveis no ITC, as exportações

mundiais de têxteis e vestuário registaram uma variação negativa de 6,8%, tendo sido a categoria de vestuário a que mais influenciou este resultado (quebra homóloga de 9,1%), com as exportações de têxteis a caírem 4,0%.

Evolução do comércio mundial de produtos de têxtil e vestuário



Nota: valores em milhões de €.

Fonte: ITC

Na UE, no 4.º trimestre de 2016, a Alemanha e a Itália foram os principais países exportadores de têxteis e vestuário, os quais, no seu conjunto, representam 34% das exportações comunitárias. De salientar que, nos dois casos, foi registada uma variação homóloga positiva, com as exportações a crescerem 3,8% na Alemanha e 1,6% em Itália.

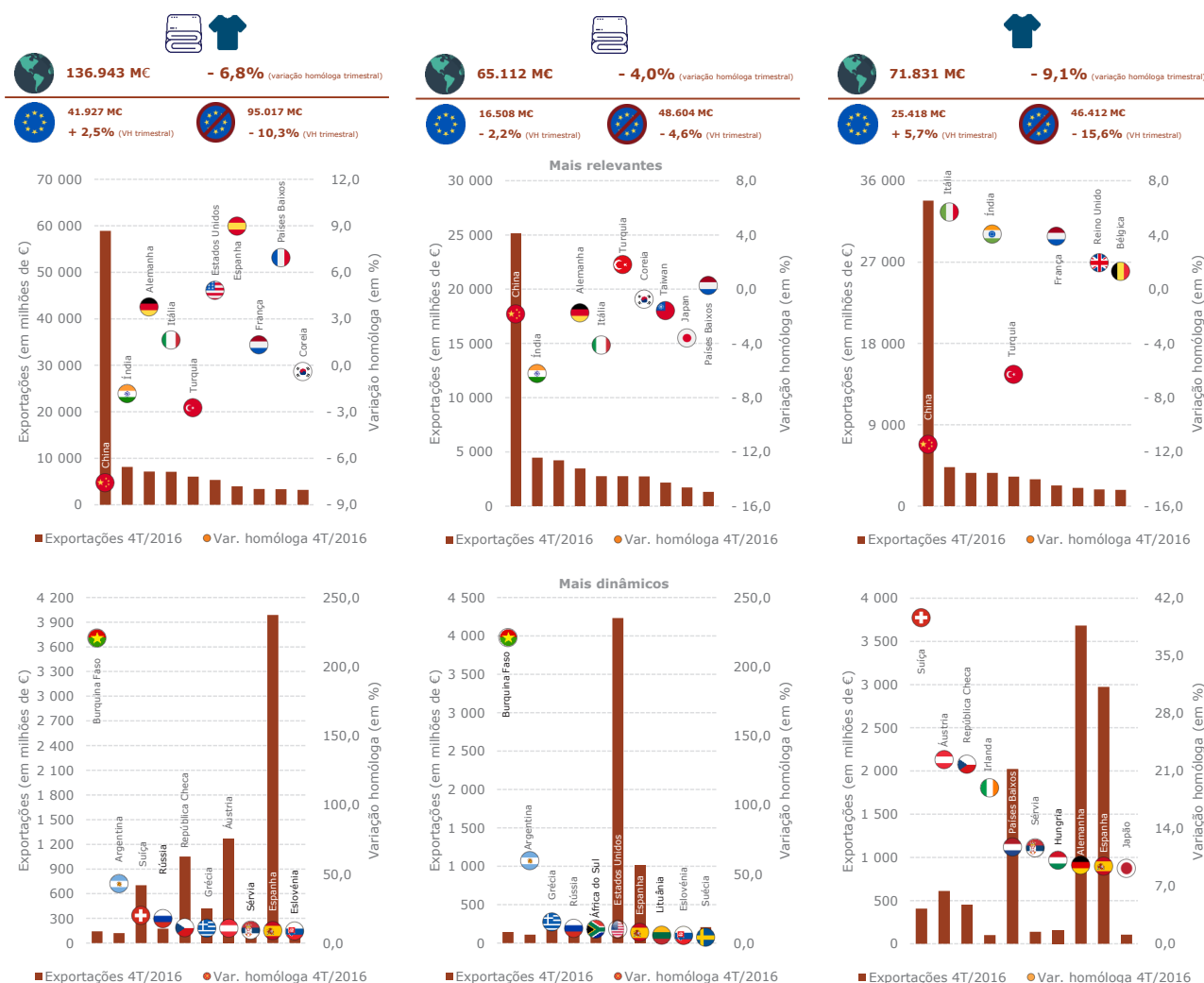
Alargando o espectro para o mundo, a China ocupa o lugar de liderança enquanto principal exportador de têxteis e vestuário (quota de 43%), apesar da quebra registada no valor das suas exportações face ao período homólogo (descida de 7,6%).

No âmbito da análise dinâmica, o Burquina Faso foi o país que mais cresceu face ao trimestre homólogo (+220,5%). Entre os exportadores mais relevantes (com exportações no trimestre superiores a 900 milhões de euros), a República Checa, a Áustria e a Espanha foram os países mais dinâmicos no 4.º trimestre de 2016.

Nos produtos têxteis, em termos de relevância, são a China, a Índia, os Estados Unidos e a Alemanha, os países que mais se destacam nas exportações, respondendo em conjunto por um quota mundial de 57%. Em termos de dinâmica, são o Burquina Faso, a Argentina e a Grécia os países que ocupam as primeiras posições. Importa realçar ainda a dinâmica no trimestre em análise dos Estados Unidos e da Espanha, dada a sua relevância no mercado internacional.

Por sua vez, do lado das exportações de artigos de vestuário, a China continua a liderar o ranking dos exportadores mais relevantes, com um contributo de 47% do total das exportações, embora tenha registado uma contração significativa face ao mesmo período do ano anterior (quebra de 11,4%). Em termos dinâmicos, o destaque vai para a Suíça, a Áustria e a República Checa, sendo também de destacar a dinâmica conseguida por parte dos Países Baixos, da Alemanha e da Espanha.

Exportadores mundiais de têxtil e vestuário com maior relevância e maior dinâmica



Nota: valores em milhões de €, na análise dinâmica é considerado o limite mínimo de 100ME.

Fonte: ITC

A UE tem um peso bastante considerável no total das importações de têxteis e vestuário mundiais, com uma quota de 45%, para a qual a Alemanha é o país que mais contribui (representa 19% das importações comunitárias), seguindo-se o Reino Unido (12%), a França (11%) e a Itália (9%).

Do ponto de vista mundial, são os Estados Unidos que lideram o ranking, com uma quota de 21%, sendo também de destacar o Japão (6%) e a China (6%).

Em termos específicos dos produtos têxteis, as importações mundiais no 4.º trimestre de 2016 permaneceram sob o domínio dos Estados Unidos, da China e da Alemanha, que no conjunto são responsáveis por uma quota de 34% das importações mundiais destes produtos.

No âmbito dos produtos de vestuário, a China perde relevância, sem sequer surgir entre os dez principais importadores mundiais. Desta feita, os maiores importadores mundiais no 4.º trimestre

de 2016 foram os Estados Unidos, a Alemanha e o Japão, que concentraram 41% do total das importações do trimestre.

No que se refere ao crescimento das importações no 4.º trimestre de 2016 face ao mesmo período do ano anterior, no cômputo dos produtos de têxtil e vestuário, as Filipinas foram o país que mais cresceu.

Concentrando a análise nos países de maior relevância, destaca-se a dinâmica registada por: Rússia, Suécia, Suíça, Polónia e Áustria, com variações homólogas na ordem dos dois dígitos. No entanto, enquanto na Rússia, na Suécia e na Polónia, esta dinâmica decorreu das importações conjuntas de têxteis e de vestuário, na Suíça e na Áustria resultou das importações de vestuário.

4. Têxtil e vestuário em Portugal

4.1. Evolução da atividade económica

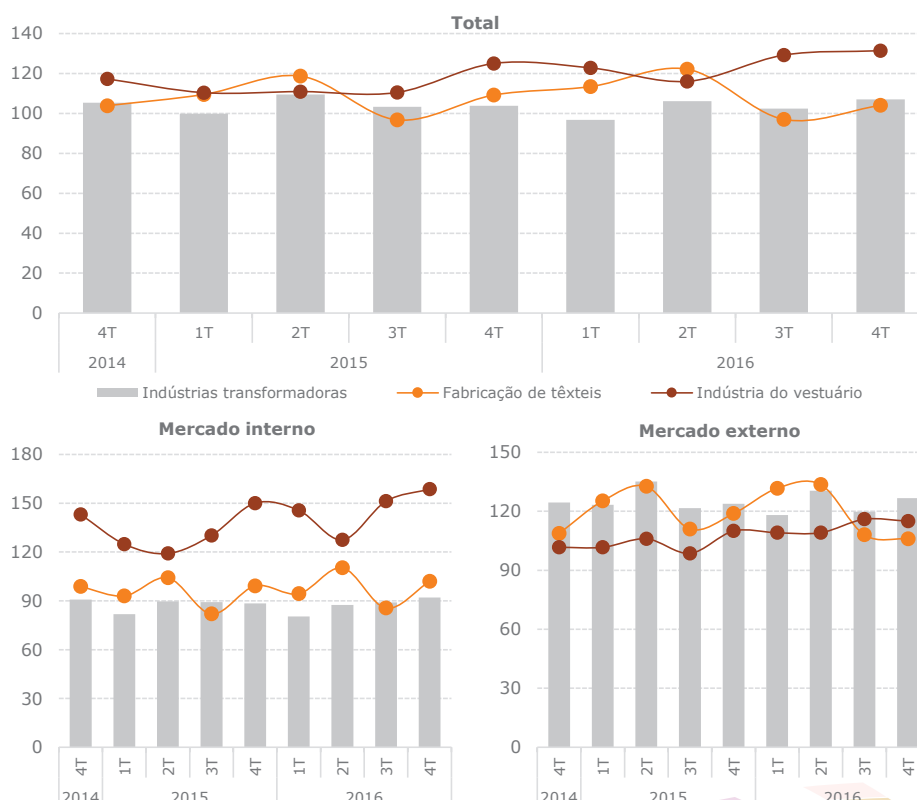
No 4.º trimestre de 2016, o índice de volume de negócios para o conjunto de todas as indústrias transformadoras foi de 107,1 pontos, estando, por conseguinte, acima do patamar registado em 2010, ano base para o cálculo dos valores índice e também acima do valor registado no período homólogo de 2015.

A indústria do vestuário tem apresentado continuamente índices de volume de negócios superiores aos da indústria transformadora. O mesmo não aconteceu no caso da indústria têxtil nacional, que registou uma quebra significativa no 3.º trimestre de 2016, caindo para valores inferiores aos da indústria transformadora, mas recuperando ligeiramente no 4.º trimestre de 2016.

Esta diferença pode justificar-se pelo melhor desempenho que a indústria do vestuário tem no mercado interno face ao ano base (2010). De facto, no último trimestre em análise, a indústria do vestuário faturou perto de 59% acima do valor médio registado em 2010.

Já a fabricação de têxteis reforçou ligeiramente a sua orientação para o exterior, mantendo um nível de faturação nos mercados externos superior ao ano de 2010 entre 18% e 30% ao longo do ano 2016. O 4.º trimestre de 2016 foi relativamente mais positivo para a indústria têxtil, em comparação com o anterior, resultado de uma melhoria do desempenho no mercado interno.

Evolução do volume de negócios na indústria



Nota: Base = 2010; médias trimestrais.

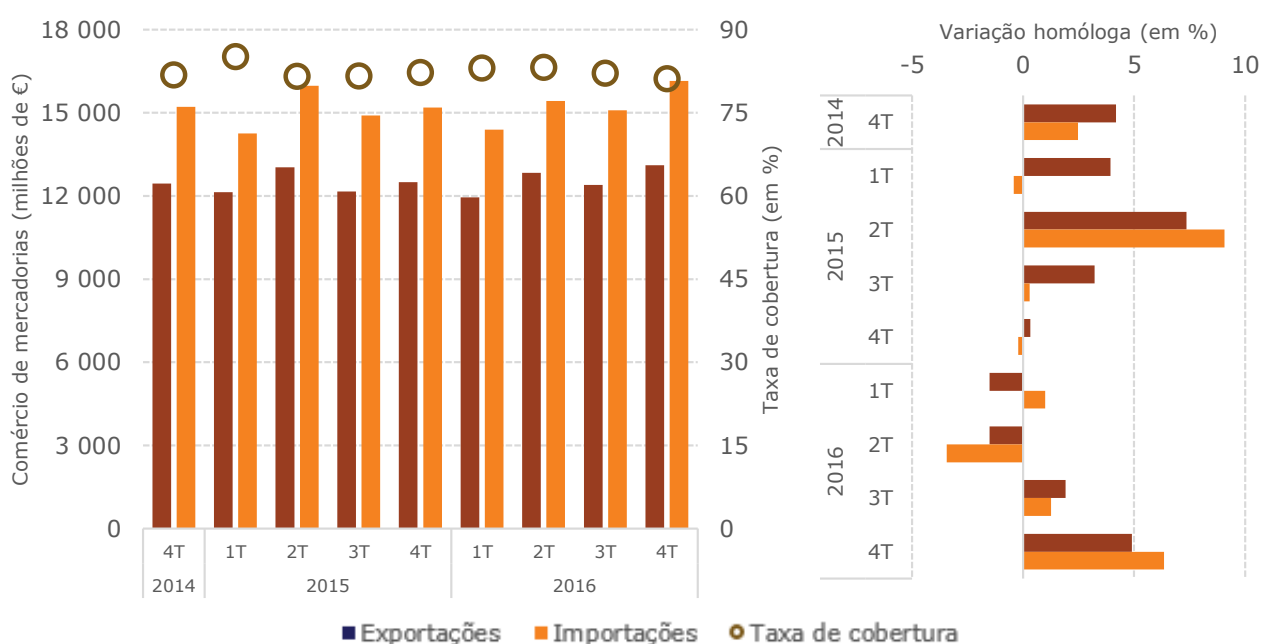
Fonte: INE

4.2. Relevância do comércio internacional

As exportações portuguesas de mercadorias no 4.º trimestre de 2016 foram de 13,1 mil milhões de euros, mais 5,7% do que no 3.º trimestre e mais 4,9% face ao período homólogo de 2015. Por seu lado, também as importações apresentaram variações positivas, quer em cadeia (crescimento de 7,0%), quer na comparação homóloga (crescimento de 6,4%), tendo atingido os 16,2 mil milhões de euros.

Para além de a balança comercial ser deficitária no 4.º trimestre de 2016 e do seu agravamento em relação ao trimestre anterior, a diferença entre exportações e importações aumentou em comparação com o período homólogo, sendo registado um acréscimo de 13,1% neste indicador.

Evolução do comércio internacional português de mercadorias: exportações, importações e taxa de cobertura



Nota: Exportações e importações em milhões de €

Fonte: INE

A indústria têxtil e de vestuário, vista no seu conjunto, é um dos setores industriais em que Portugal apresenta claras vantagens comparativas reveladas e um bom posicionamento competitivo internacional, o que se deve muito ao contributo do saldo comercial dos produtos de vestuário.

No cômputo geral das exportações portuguesas de mercadorias, no 4.º trimestre de 2016, as

exportações de produtos de têxtil e vestuário responderam por 9,6% do total, com destaque para o vestuário, com uma quota de 5,9%.

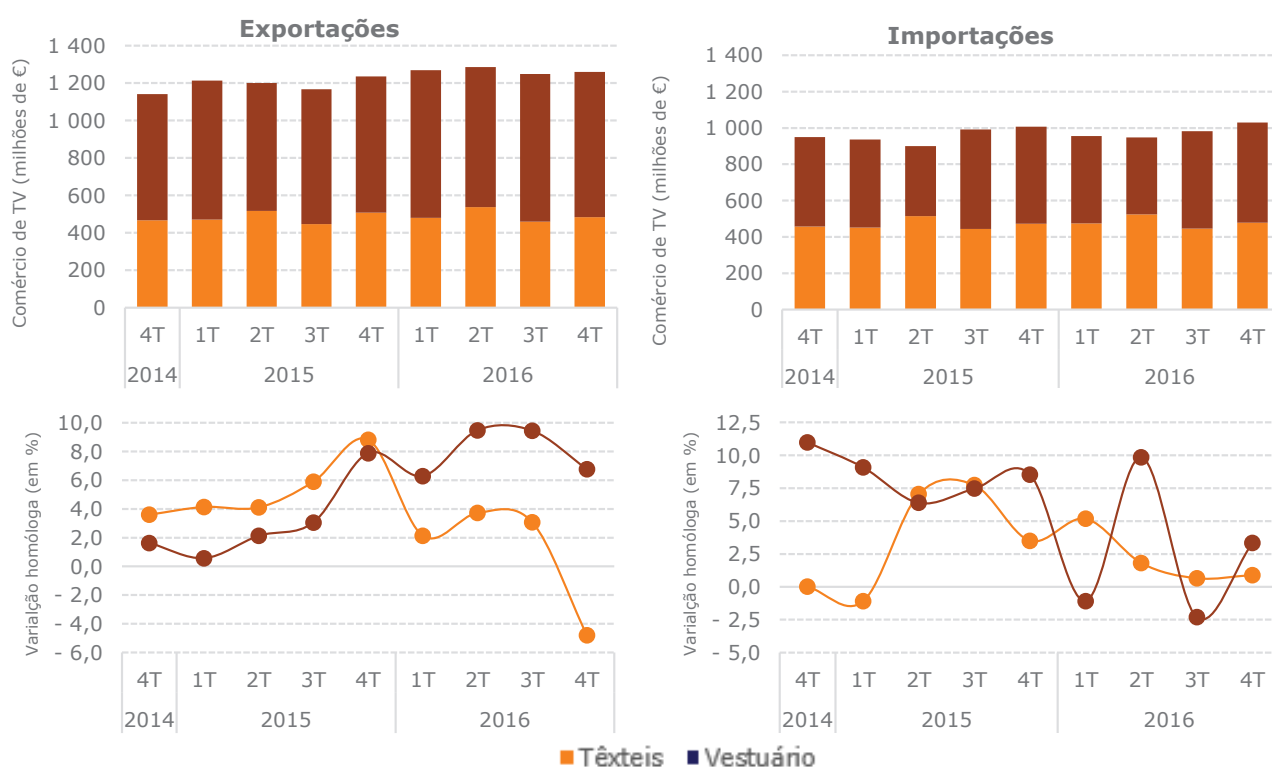
Face ao período homólogo, o valor das exportações de têxteis e vestuário registou uma subida de 2,0% no 4.º trimestre de 2016. Este resultado deve-se, sobretudo, ao aumento das vendas de vestuário (crescimento de 6,8%),

na medida em que as exportações de têxteis decresceram 4,8%.

Por seu lado, e para o mesmo período de análise, as importações de têxteis e vestuário registaram

uma variação homóloga positiva de 2,2%, consequência das subidas registadas tanto nas importações de têxteis (crescimento de 0,9%) como de vestuário (crescimento de 3,3%).

Dinâmica e posicionamento das exportações e importações portuguesas de têxtil e vestuário



Fonte: INE

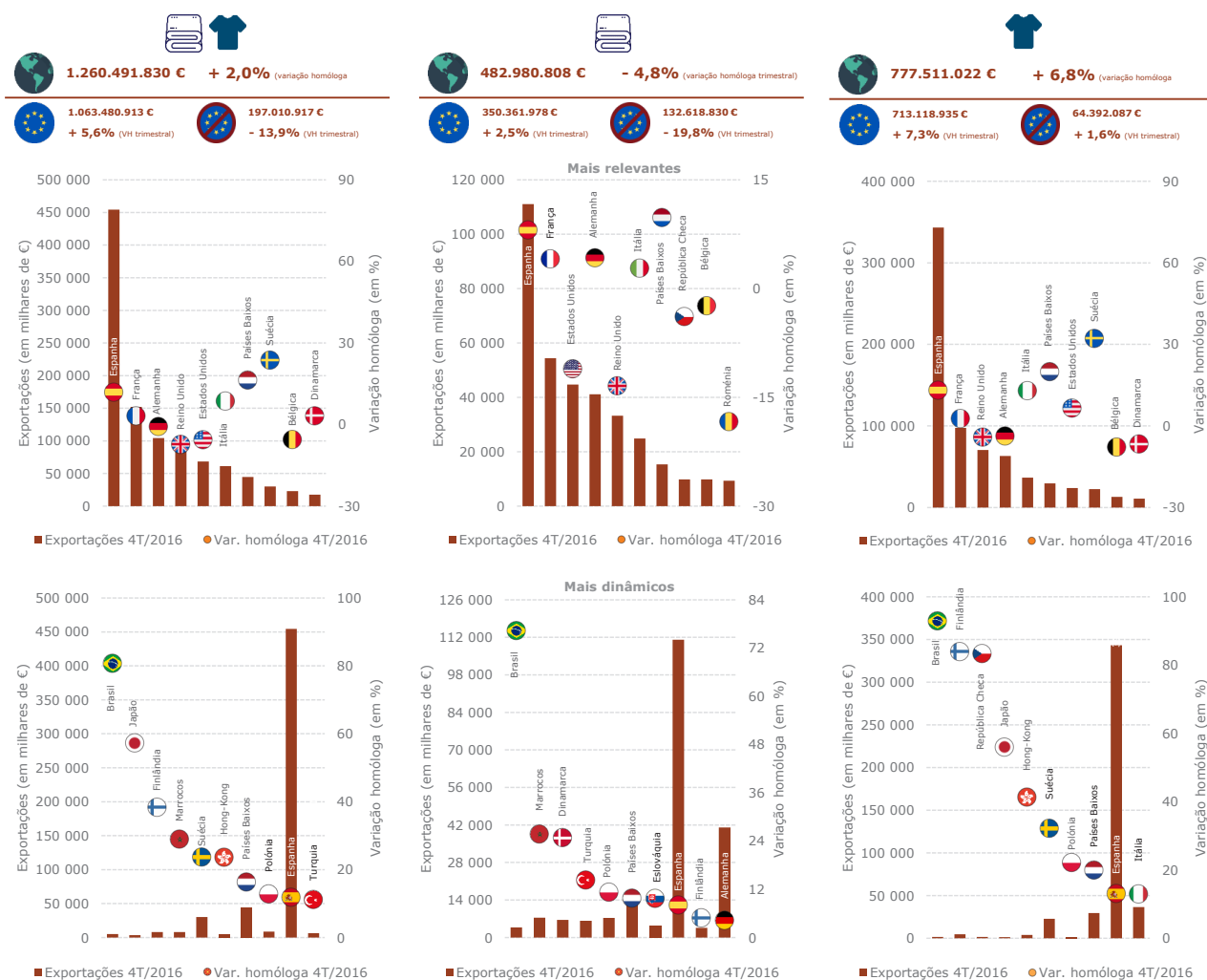
Os principais mercados de exportação de produtos de têxtil e vestuário portugueses seguem o padrão geográfico das exportações do total de mercadorias, isto é, uma forte orientação para o comércio intracomunitário (84% do total do 4.º trimestre de 2016).

Espanha, França, Alemanha e Reino Unido ocupam os lugares cimeiros do ranking de destinos de produtos de têxtil e vestuário portugueses no 4.º trimestre de 2016, cenário que se intensificou face ao período homólogo. Quando analisamos separadamente os dois agregados, constata-se

que os dois primeiros países integram o grupo de destino líder tanto das exportações de produtos têxteis (quota de mercado de 34%) como dos artigos de vestuário (quota de cerca de 57%).

Por outro lado, Brasil, Japão, Finlândia e Marrocos, são os países com maior crescimento entre os destinos das exportações portuguesas de têxteis e vestuário. Enquanto o Brasil e Marrocos se revestem de importância nas exportações de têxteis, na dinâmica das exportações de vestuário o destaque vai para o Brasil e a Finlândia.

Principais mercados de destino das exportações portuguesas dos produtos de têxtil e vestuário



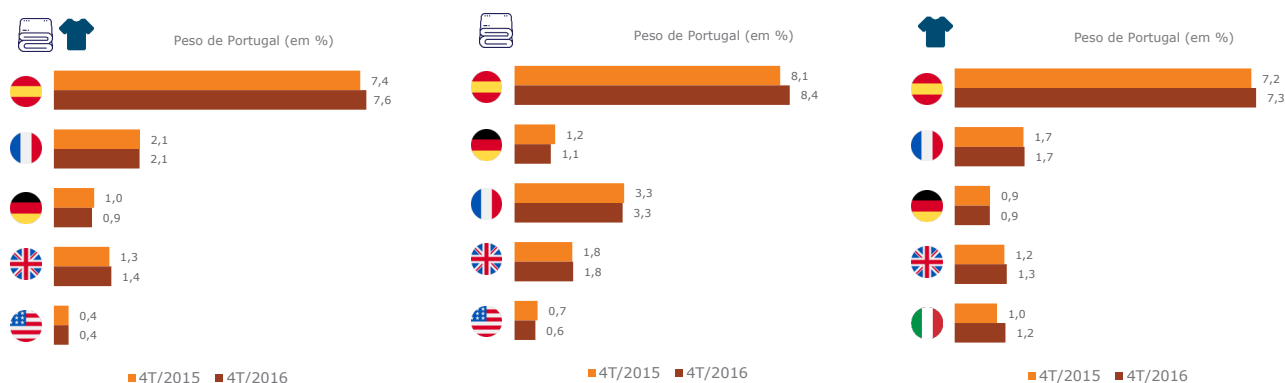
Nota: valores em milhares de €, na análise dinâmica é considerado o limite mínimo de 3M€.

Fonte: INE

Segundo os dados disponíveis para o 4.º trimestre de 2016, a Espanha é o país no qual Portugal apresenta uma quota mais significativa (7,6%). Esse posicionamento é mais forte quando consideradas apenas as exportações de produtos têxteis (8,4%). Quando comparada com o valor registado no período homólogo, aquela quota revela uma trajetória ascendente. Na realidade,

este é o único mercado onde Portugal deteve uma posição dominante no 4.º trimestre de 2016, cingindo-se a posicionamentos menos relevantes nos restantes mercados analisados, apenas ficando ligeiramente acima dos 3% das importações de produtos têxteis por parte da França.

Posicionamento e evolução de Portugal nos 5 mercados mais relevantes



Fonte: Eurostat e OTEXA

Tal como se verificou nas exportações, também as importações portuguesas de produtos de têxtil e vestuário têm como principal origem o mercado intracomunitário (80% do total no 4.º trimestre de 2016). Espanha, Itália, França e Alemanha lideram o ranking, sendo de destacar a quebra de 1,4% nas importações provenientes da Espanha. De salientar também a subida no valor das importações provenientes da França (crescimento de 15,5%) e da Alemanha (crescimento de 7,4%). Por outro lado, Vietname, Bangladesh e Polónia são os países que apresentaram o maior crescimento homólogo nas importações portuguesas de têxteis e vestuário.

A dinâmica do Vietname destaca-se claramente nas importações de produtos têxteis, com uma variação de 98,8%. Em contrapartida, a Polónia merece destaque nas importações de artigos de vestuário, com um crescimento homólogo que ultrapassa os

1160%, sendo nestes produtos de destacar também o caso da Irlanda (crescimento de 261,4%) e do Bangladesh (crescimento de 74,3%).

Importa ainda realçar, no âmbito das importações de vestuário, as quebras homólogas verificadas nas importações provenientes da Espanha (descida de 3,4%) e da China (descida de 3,1%). O padrão geográfico das importações de vestuário de “baixo custo” parece estar a alterar-se, com uma reorientação para países como o Bangladesh, a Índia e o Paquistão, em detrimento dos produtos chineses.

O mesmo não está a acontecer em relação aos produtos têxteis. A China foi a 5.ª origem mais relevante dos têxteis importados, tendo apresentado uma taxa de variação homóloga de 6,6%, seguida pela Turquia (na 6.ª posição) com uma taxa de crescimento de 6,7%.

4.3. Estrutura do comércio internacional

Dada a especialização produtiva de Portugal, não é estranho que os grupos de produtos ligados ao vestuário sejam os que assumem os lugares cimeiros nos rankings das exportações de têxteis e vestuário. Apesar da forte dinâmica vivenciada no 4.º trimestre de 2016 pelas exportações de vestuário de malha (+10% face ao período homólogo), foram as exportações de “fibras e tecidos de seda” e as “fibras, fios e tecidos de

algodão” que maior crescimento registaram ao longo do trimestre em questão.

Ao nível das importações, o vestuário (principal produto) cresceu em termos agregados no 4.º trimestre de 2016 e, na comparação com o período homólogo, o destaque vai para a categoria de “vestuário e seus acessórios, excluindo malhas” (crescimento de 8%).

Estrutura das exportações portuguesas de têxtil e vestuário por grupo de produtos

61. Vestuário e seus acessórios de malha 526 363 210 € VH: ↑ 10% VHa: ↑ 12%	62. Vestuário e seus acessórios, excluindo malhas 251 147 812 € VH: ↑ 1% VHa: = 0%
63. Outros artefactos têxteis confeccionados 170 684 238 € VH: = 0% VHa: ↑ 1%	55. Fibras sintéticas ou artificiais, desc. 59 469 456 € VH: ↓ 1% VHa: ↓ 5%
59. Tecidos impregnados e revestidos 52 454 897 € VH: = 0% VHa: ↑ 10%	56. Pastas, feltros e cordoaria 41 146 668 € VH: ↓ 38% VHa: ↓ 11%
52. Algodão (fibras, fios e tecidos) 43 818 211 € VH: ↑ 18% VHa: ↑ 19%	60. Tecidos de malha 32 737 576 € VH: ↑ 11% VHa: ↑ 9%
58. Tecidos especiais e tufados 25 217 118 € VH: ↓ 1% VHa: ↑ 11%	54. Filamentos sintéticos ou artificiais 22 726 031 € VH: ↓ 11% VHa: ↓ 15%
57. Tapetes e outros revestimentos 19 849 626 € VH: ↓ 10% VHa: ↑ 1%	51. Lã (fibras, fios e tecidos) 13 377 348 € VH: ↓ 21% VHa: ↓ 9%
53. Outras fibras vegetais (fibras, fios e tecidos) 1 400 066 € VH: ↓ 17% VHa: ↓ 7%	50. Seda (fios e tecidos) 99 573 € VH: ↑ 261% VHa: ↑ 131%

Estrutura das importações portuguesas de têxtil e vestuário por grupo de produtos

61. Vestuário e seus acessórios de malha 294 029 442 € VH: ↓ 1% VHa: ↑ 2%	62. Vestuário e seus acessórios, excluindo malhas 258 092 614 € VH: ↑ 8% VHa: ↑ 1%
52. Algodão (fibras, fios e tecidos) 129 917 150 € VH: ↑ 1% VHa: ↑ 2%	54. Filamentos sintéticos ou artificiais 82 956 834 € VH: ↑ 2% VHa: = 0%
55. Fibras sintéticas ou artificiais, desc. 75 419 245 € VH: ↑ 9% VHa: ↑ 3%	63. Outros artefactos têxteis confeccionados 35 483 515 € VH: ↓ 2% VHa: ↑ 2%
60. Tecidos de malha 32 601 166 € VH: ↑ 2% VHa: ↑ 9%	59. Tecidos impregnados e revestidos 29 604 250 € VH: ↑ 9% VHa: ↑ 5%
51. Lã (fibras, fios e tecidos) 27 182 791 € VH: ↓ 6% VHa: ↓ 3%	56. Pastas, feltros e cordoaria 20 672 759 € VH: ↓ 9% VHa: ↓ 5%
57. Tapetes e outros revestimentos 16 399 170 € VH: ↑ 4% VHa: ↑ 10%	58. Tecidos especiais e tufados 12 102 929 € VH: ↓ 15% VHa: ↓ 1%
53. Outras fibras vegetais (fibras, fios e tecidos) 12 095 980 € VH: ↓ 13% VHa: ↑ 6%	50. Seda (fios e tecidos) 2 928 850 € VH: ↓ 10% VHa: ↑ 20%

Nota: VH - variação homóloga, VHa - variação homóloga acumulada.

Fonte: INE

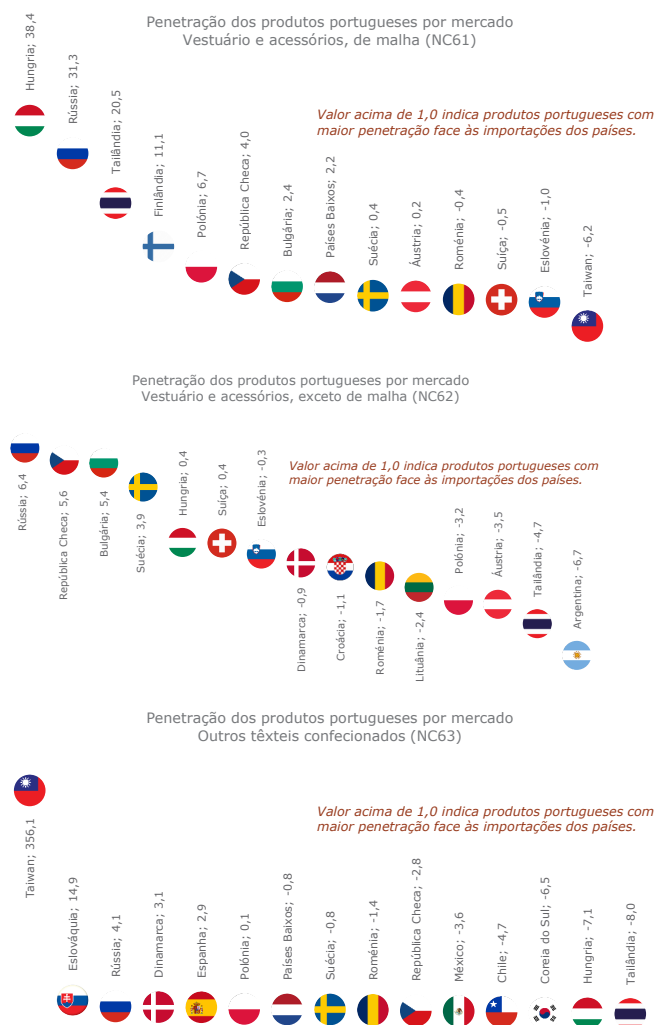
No que se refere aos produtos de vestuário e seus acessórios, de malha (NC61), no 4.º trimestre de 2016 comparativamente ao mesmo período do ano anterior, Portugal conseguiu uma forte penetração em mercados em franca expansão, como: Hungria, Rússia, Tailândia, Finlândia, Polónia, República Checa, Bulgária e Países Baixos, sendo de salientar a perda de relevância na Suécia e na Suíça.

Relativamente aos artigos de vestuário exceto malha (NC62), a Rússia, a República Checa, a Bulgária e a Suécia foram mercados que, simultaneamente,

registaram fortes crescimentos e que se revelaram de grande interesse para as empresas portuguesas.

Nos “outros têxteis confeccionados” (NC63) o destaque vai para o desempenho das exportações destinadas a Taiwan, sendo também de salientar a Eslováquia, a Rússia, a Dinamarca e a Espanha. De referir, no entanto, que dentro desta categoria de produtos, a maioria dos mercados mais dinâmicos no trimestre em análise registaram quebras acentuadas como destino das exportações portuguesas.

Grau de alinhamento entre a dinâmica das exportações portuguesas de vestuário e a dinâmica das importações mundiais



Nota: consideraram-se os seguintes limites mínimos para as importações: 50M€.

Fonte: análise desenvolvida com base em dados do INE e do ITC

A informação contida nesta publicação foi obtida de fontes consideradas fiáveis, mas a sua precisão não pode ser totalmente garantida. O CENIT não se responsabiliza por qualquer perda, direta ou potencial, resultante da utilização desta publicação ou dos seus conteúdos. A reprodução de parte ou da totalidade desta publicação é permitida, sujeita a indicação da fonte.

CENIT – Centro de Inteligência Têxtil

E-mail: estudos@portugaltextil.com

Web: www.portugaltextil.com



www.portugaltexil.com
cenit@portugaltexil.com